

# Um Revisitar Metodológico das Humanidades da *Ratio Studiorum*: a Arte da Expressão para uma Pedagogia Transdisciplinar

Angela de Faria Vieira

Nas raízes histórico-filosóficas da educação no Brasil encontramos uma inspiração do tipo “humanitas” (européia), que consubstanciou o ideário e a prática educativa jesuítica, no Brasil-Colônia, orientada pela “RATIO STUDIORUM”. O Humanismo dos jesuítas privilegiava o desenvolvimento de atividades literárias e uma formação eminentemente erudita.

O mundo europeu, no período da presença dos jesuítas em nosso país, fervilhava na luta pela salvaguarda de ideais da ortodoxia católica — com a insistência no dogma e na autoridade — em meio às dissidências originárias no seio da própria Igreja instituída, dando voz e forma ao emergente Protestantismo. Os jesuítas, quando da formação do seu clero, cuidavam para propiciar uma formação humanista e do filósofo “servindo estas de base para a Teologia.”<sup>(1)</sup>

A presença jesuítica na Colônia, em missão civilizadora, não ficou restrita às atividades do ensino elementar de “ler e escrever”, é o afamado Fernando de Azevedo quem destaca: “... davam aulas de humanidades, e conferiam, no Colégio da Bahia, os graus de bacharel, em 1575 e em 1578 as primeiras lãureas de mestre em artes.”<sup>(2)</sup>

A publicação da “*Ratio Studiorum*”, em 1599, continha o plano de estudos estruturado pela Companhia de Jesus abrangendo o curso de Letras Humanas, o de Filosofia e Ciências, e o de Teologia e Ciências Sagradas.

A RATIO era a expressão, histórica inclusive, de “...quase meio século de experiência e estudos sobre o ensino:

“Esse plano ... apreciação de estatutos e regulamentos de colégios e universidades, que desde a época da fundação da Companhia, por S. Inácio, se espalhou pela Europa. Esse código ... foi lei oficial da Companhia até a supressão da Ordem em 1773, graças às pressões dos Bourbons sobre o Vaticano. A Companhia será restaurada em 1814 por Pio VII e o código será revisto em 1832.”

... A classe das Humanidades implicava em conhecimento pleno da linguagem,

erudição e noções de retórica. Por erudição entendia-se o conhecimento da História, da Arqueologia, da Geografia, da Mitologia, da Etnologia e das instituições greco-romanas. O erudito era aquele que sabia compreender perfeitamente um autor e que tinha um conhecimento positivo. Assim, o que se visava era a expressão clara, exata, rica e elegante. Para isto o Grego e o Latim são disciplinas eleitas e dominantes.

Nas humanidades, o Latim era estudado nas obras de filosofia moral de Cícero; nos poemas principalmente Virgílio, obras seletas de Horácio; a História pelos historiadores César, Salústio, Tito Lívio. No Grego: Isócrates, S. Crisóstomo, S. Basílio, Platão, textos de Plutarco, S. Gregório Nazianzense. Na Retórica, o predomínio era o da explicação dos livros de Cícero e Aristóteles (retórica e poética). Dos Clássicos Demóstenes, Platão, Tucídides, Homero, Hesíodo, Píndaro, S. Basílio, Crisóstomo.<sup>3</sup>

Como se vê, ciências, tais como Matemática, Astronomia e Física, eram incluídas nos estudos filosóficos. A língua vernácula não era incluída, embora fosse recomendado que para a pregação evangélica, esta se fizesse pela língua de cada lugar para onde iam trabalhar. Entende-se, assim, porque no Brasil Anchieta se pôe a aprender e a codificar a língua tupi-guarani que já era ensinada no Colégio da Bahia em 1556 e em Pernambuco em 1587.

Na revisão da RATIO, em 1832, o ensino da Língua Portuguesa, no nosso caso, foi elevado à categoria de disciplina maior ao lado do Grego e do Latim. É assim que a formação literária se fez no Brasil em colégio dos jesuítas por parte de Gregório de Matos, Rocha Pita, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Basílio da Gama.

A metodologia era prevista da seguinte maneira. Preleção; isto é, “lição antecipada, uma explicação do que o aluno deverá estudar.” Era mais “formativa do que informativa”, isto é, visava desenvolver o espírito da análise, da crítica, da imaginação, da formulação correta de juízos e do desenvolvimento do raciocínio. Mas tudo isto era entendido como a Arte da Expressão. A

tarefa da explicação seguia-se a da Composição, isto é, se a preleção fora sobre o como realizar um discurso, seguia-se a prática da composição: fazer um discurso pelo modelo aprendido, dando a ele a sua expressão pessoal.

A RATIO preconizava o exercício da memória e o recurso utilizado era o da “recitação de cor dos grandes clássicos”, que segundo interpretação dada por Leonel França não significava memorização mecânica mas o exercício de uma “faculdade que necessitava se desenvolver aliada à observação, à descrição e à assimilação.”<sup>(4)</sup>

O ideal da filosofia humanista jesuítica, organizada nos princípios da RATIO, era a evidente formação da pessoa, através do que concebiam ser a “educação integral do aluno”. Tal concepção não circunscrevia currículos, métodos e programas a uma perspectiva temporal ou conjuntural, embora cuidassem — os apóstolos-educadores jesuítas — da dimensão de adequação em função de realidades e perspectivas do que seria útil a uma sociedade futura. O legado maior da filosofia e da prática educativa desenvolvidas eram as aquisições humanas no conjunto de capacidades e habilidades: o desenvolvimento da inteligência, a agudeza do senso crítico, a expressão criativa e clara, harmoniosa e elegante do pensar e do conhecer humano.

A Pedagogia que dava forma aos princípios identificados era a pedagogia ativa. E para tanto era indispensável a formação do docente para lidar com o “espírito” do método de ensino ativo. Assim, humanismo e amplitude cognitiva construía a cultura geral, que, aliadas as disciplinas técnicas, serviam ao propósito de aperfeiçoamento do homem. Uma complementaridade entre educação geral e formação profissional era evidente e necessária, no que se preconizava nos aspectos de socialização do indivíduo.

Há uma cosmovisão, certamente, nos postulados da RATIO: o Humanismo é fortemente influenciado pelo Cristianismo, que valoriza sobremaneira a pessoa humana numa dimensão de fraternidade e humildade diante dos mistérios da criação. Mas é a Profª. Esther F. FERRAZ quem comenta

## ■ SALA DE AULA

com grande oportunidade:

"... O mal-entendido é julgar que o cristianismo se oponha à educação tecnológica, como se ela fosse uma espécie de paganismo, em contraposição com a cultura clássica, que seria cristã."<sup>(5)</sup>

A bagagem dos educadores jesuítas é sólida e valiosa, e uma imersão histórico-pedagógica na "saga de vivências" da Companhia de S. Inácio (um soldado, um militante, de fato, nas fronteiras da educação no Brasil) possibilita revisitar idéias e procedimentos nos alicerces da história do país, com a criticidade (e sem "xenofobia") tão necessária aos dias difíceis da educação em nosso país.

Existem questões subentendidas e mal-entendidas em inúmeras análises relativas à passagem dos jesuítas pelo Brasil e o programa educacional que empreenderam. Veementes críticas participam da discussão acerca do pragmatismo na educação popular e da erudição como signo das elites; do caráter profissionalizante do ensino médio, e do seletivismo para a universidade: enfim, existem vozes e juízos, favoráveis e contrários. Entretanto, aqui, são valorizados alguns aspectos do "animus" da RATIO, sem a intenção do julgamento de um acervo tão denso de documentos, recomendações, doutrina ... acumulado durante um prolongado período, e organizado em contextos histórico-políticos que exigiriam elucidações rigorosas.

É o *Humanismo*, para a *promoção humana*, traduzido em *práticas administrativas* (com um olhar para a modernidade), e que identificado na RATIO alimentou o espírito da reflexão em pauta, animando a presente concepção do processo educativo na universidade pública.

É numa introdução à Antropologia Filosófica, que Humanismos traçam a sua *demarcação*. Expressões como: TEILHARD DE CHARDIN, Enrico CANTORE, Gualberto GISMONDI, ditos precursores do HUMANISMO CIENTÍFICO, fundaram o Instituto do Humanismo Científico *Fordhan University, N.York/USA, 1974*.

Entretanto, ao citar *novos humanistas* apenas indica-se o vigor intelectual em torno do Humanismo; ou seja, não está presente a intenção de estudo comparativo de idéias, como também, não se pretende discorrer acerca de novos eixos referenciais/tendências crítico-filosóficas do Humanismo na pós-modernidade.

Retomando o eixo do conhecimento que vivificava uma compreensão de humanidade contida na RATIO, destaca-se: a *metodologia ativa*, a ênfase no *aspecto formativo da*

*educação* e os *procedimentos* valorizados para a "*Arte da Expressão*".

Trabalhando com um campo empírico de *Comunicação e Educação*, tenho coletado informações e sistematizado observações acerca das experiências no processo ensino-aprendizagem, que realimentam a minha curiosidade de estudiosa, pesquisadora e docente ao implementar novas práticas de ensino.

No espaço compreendido entre ementários e programas, de um lado, e a flexibilidade de planejamento docente, de outro, quando da estruturação de *planos de curso* (que é o momento de adequação de propostas curriculares: conteúdo, metodologia, centros de interesse... realizado pelo professor no conhecimento da sua turma, e na contextualização do momento social ou histórico de realização do curso), a cada período letivo, há uma parada para reflexão e estabelecimento dos contornos programáticos, metodológicos e formativos da dimensão educativa das disciplinas nos cursos, que compõem a grade curricular do Curso de Comunicação Social, cujas habilitações na UERJ são: Relações Públicas e Jornalismo.

A prática da *metodologia ativa*, uma das recomendações da RATIO, pressupõe um nível de troca, de diálogo entre professor e aluno, ativismo pedagógico na coordenação das vivências oportunizadas, co-responsabilidade pelo processo ensino-aprendizagem — *aluno* assumindo suas tarefas, lendo, pesquisando, estudando, anotando, refletindo, opinando, analisando, organizando suas idéias, debatendo; e por sua vez o *professor*, propondo, ouvindo, atualizando-se, pesquisando, engajando o aluno em vivências realimentadoras, de fato, do interesse crítico e criativo do conhecimento, e *ambos*, por conseguinte, articulando uma dinâmica significativa, coerente, numa autêntica *construção do conhecimento*, no melhor espírito de *receptividade e interatividade*.

Uma "*cultura*" para a *sala de aula* precisa ser discutida e avaliada pelos participantes da experiência, de *modo permanente*. A obra de pensamento que normalmente é esperada do professor, em enunciações e estruturações que apontem para um caminho a ser percorrido no curso, provavelmente não está circunscrita a uma dimensão cognitiva quanto aos conteúdos programáticos que deverão ser assimilados no processo ensino-aprendizagem. A concepção, a idéia de aula, nutre-se de *dimensões: formativa e didática*, que emergem na perspectiva de *ensino ativo*.

Um cuidado necessário com a *comunicação* (desde o sentido lato até o mais específico relacionado à questão do ensino e a emissão de mensagens) deve ser alvo de atenção do professor quando dá forma a sua proposta metodológico-pedagógica de trabalho. E, ambos, *professor e aluno* não prescindem de um posicionamento, sobretudo no ensino superior, que revele uma atitude de *co-responsabilidade* quanto aos rumos da proposta educativa do curso. *O diálogo* é, sem dúvida, a essência ou o fundamento das trocas simbólicas, de pessoa para pessoa, da *comunicação oral ou escrita, verbal e não-verbal*, que permite a clarificação de propósitos, intenções dissipando *ruidos*, quem sabe até, evitando *entropias*. Identificando e reconhecendo no outro um sujeito de ação e significação contextualizado no universo das possibilidades em comum de atividades e estudos, que *falem de um conhecimento construído junto*, professor e aluno transcendem (ao transpor) o imediatismo do tipo "do aqui e agora" e de fato se constituem em *artífices e co-partípes do processo ensino-aprendizagem* — sujeitos da própria história numa concepção existencial plena de significações e numa dimensão comunicacional-educacional bem-sucedida (pois há de retratar a cultura, que é a realidade do ser e do saber do grupo, ou da turma).

A *arte de uma nova expressão educacional* pode surgir através de um novo procedimento comunicacional. E é no âmbito das trocas: (oral, escrita, verbal, não-verbal) que professores e alunos podem e devem trabalhar para erigir tal dimensão, **que se entende e aponta como expressão de arte, cultura, educação, comunicação, ciência e informação**.

O que se concebe como uma "*nova expressão educacional-comunicacional*" não integra um mundo ficcional ou surreal; caracteriza-se, sobretudo, por uma reflexão que valoriza a **fecundidade da consciência**, tendo-a como um "cimento" ou fundamento de: uma **sociosemiologia**, de uma **antropologia filosófica**, de uma **epistemologia que reintegre o homem na sua totalidade de ser**, pessoa e criatura, ente privilegiado por usar criatividade e intelectualidade, capaz de *socializar o seu saber*, permitindo que se eleve (no plano da consciência) sem que precise se retirar "*de cena*" do espaço da vida comunal para constituir-se numa "*expressão maior*" de sabedoria e operosidade de pensamento. Aspectos atitudinais aliados ao desenvolvimento de um elenco de habilidades humanas (dimensão *formativa*) constroem, ou podem construir, ao lado da perspectiva do saber (clássico ou erudito,

pragmático ou de inserção social) novas realidades humanas, respeitada a “*demarcação*” da identidade do indivíduo, porém edificando “*pari passu*” a identidade social (do cidadão) pelo resgate de uma cultura (com os seus ritos, mitos e desafiadora realidade). E, talvez, o exercício de uma cultura científica de “*face*” humanística no espaço acadêmico da universidade (instituição de ensino que se realimenta de práticas culturais, e aqui evidenciada como um “*locus*” de reflexão e ação) possa implementar e aperfeiçoar, progressivamente, o “*animus*” do que se explicitou como: *uma “nova expressão educacional-comunicacional”*. Inúmeros saberes não de se pronunciar e apontar os obstáculos (inclusive, epistemológicos, ontológicos, hermenêuticos, sociológicos, semiológicos e pedagógicos) e a oportunidade do empreendimento de uma *ousadia transdisciplinar*.

Os recursos avançados das tecnologias da informação e comunicação, na atualidade, são uma realidade que contrasta com o revisitar dos postulados da *ciência jesuítica*, como aqui foi brevemente empreendido. Entretanto, não se evocou ou se quis instaurar uma *nostalgia* de uma experiência de excelência de ensino (respeitadas quaisquer críticas dissidentes). O passado pode lançar luzes sobre o presente. O *processo histórico* elucida questões-ações, apontando fatos, fornecendo dados e sempre está disponível, como um livro aberto para consultas, estudo e o exercício de um “olhar” crítico, a qualquer tempo ou hora, seja quem for o usuário.

A possibilidade de um **paradigma didático transdisciplinar**, para a **sala de aula**, consiste no entrelaçamento da **tradição** com a **modernidade**, da **sabedoria** com a **ciência**, do estável com o dinâmico ou ativo; na superação de temporalidades através da criatividade, do simbólico e do imaginário no mundo de relação. Uma apropriação inteligente da realidade, as possibilidades adaptativas do homem ao seu futuro, estão na razão direta da articulação consistente — aberta — decisiva das ciências humanas e sociais, pois estas prestam um apoio importante (com reflexão e representação do pensamento) ao *projeto de apoiar a emergência de um homem novo para uma era crítica e transitória*.

Recordando uma realidade específica, a instância de estudo da Comissão Permanente de Avaliação Curricular e Docente (CPA) da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ, encontramos sete pessoas (os seus membros, durante uma gestão) debruçadas

sobre a vida de uma unidade de ensino, dinamizando através de pensamentos e ações uma prática avaliativa (e sobretudo, auto-avaliativa) pioneira na trajetória da Faculdade, sobretudo com os contornos institucionais, e intelectuais, com os quais esta se revestiu.

Postular novas trajetórias curriculares implica numa definição acerca dos fins, da *culminância* (sobretudo formativa) *educativa* que uma determinada proposta formal de ensino, como a do Curso de Comunicação Social (Relações Públicas e Jornalismo), pretende alcançar. Tarefa desafiadora!

Num trabalho tão delicado, árduo e ao mesmo tempo tão revitalizador de estudos e pesquisas, configurou-se oportuno abalzar a tradição do conhecimento e da experiência jesuítica no berço da educação no Brasil. *Conservar e inovar* constituem movimentos dialéticos previstos e necessários à cultura dos povos e da educação que estruturam para instituir uma *unidade simbólica de vida*, na *sociedade* (apropriação do repertório social pelos indivíduos, e estes pela prática da cidadania legitimam, ou não, a cultura estabelecida, podendo recriá-la, transformá-la, re-contextualizá-la).

Inovar, renovar, transformar e conservar refletem atitudes ativas e seletivas de reafirmação do que é válido ou não para a sociedade, e exige *trabalho de crítica de pensamento*, não-prescindindo de uma dimensão *ética* diante da *responsabilidade* de empreender um projeto de *formação humana*, e de um profissional, ou um bacharel — como ocorre nos cursos universitários. Assim direcionando o mapeamento sócio-histórico-cultural, de natureza filosófica, que aqui se esboçou é possível identificar um cuidado com a *atitude interrogativa*, com o *processo analítico* e com a *síntese reflexiva*; diante de um *processo* densamente complexo (um novo projeto ontológico) e que apenas amadurece o *corpus* do seu mergulho.

Um saber crítico revisitado mantém uma atmosfera de redescoberta na instauração do diálogo (intersubjetividade) e pode ser *inédito* para a intelectualidade, sendo uma expressão do pensamento que ganha *voz* num momento histórico diverso daquele quando foi imediatamente enunciado.

A *RATIO STUDIORUM* falou daquelas humanidades importantes de serem contempladas pelos *conteúdos de formação geral*, nos currículos escolares e na *prática do ensino ativo*, e *contextualizado na pós-modernidade*, a idéia de *arte de expressão*, aponta o importante entrelaçamento entre *comunicação e educação*, num mundo de

realidades díspares e incertos valores, e onde também meio (canal) e mensagem constituem a *espinha dorsal* dos processos comunicacionais entre vastos receptores-emissores. E assim, o *professor*, na sua sala de aula, é uma instância modesta para o empreendimento do processo de interlocução, porém é um elemento crítico e de inserção concreta na realidade sócio-educacional-comunicacional. Muito há para ser repensado e debatido; pois a própria concepção de *aula* precisa avançar no paradigma didático metodológico. A importância da deflagração de **discussões plurais** é por demais evidente. E a CPA apenas introduziu alguns elementos conceituais para apoiar a prática dos seus docentes, e animá-los na experiência educativa, pensando alternativas para a revitalização de uma cultura entre os integrantes da realidade institucional-educacional FCS. É o seu caráter permanente (CPA), que possibilitará o aprofundamento e a edificação de uma “*arte de expressão*” genuína que sirva aos reais propósitos de dinamização da educação com comunicação, no ensino superior.

#### Angela de Faria Vieira

• *Doutoranda em Ciências da Comunicação CCA-ECA/USP. Professora da Faculdade de Comunicação Social/UERJ. Trabalho adaptado apresentado enquanto coordenadora da Comissão Permanente de Avaliação Curricular e Docente (CPA) da FCS/ UERJ (1993), em reunião ordinária, de estudo. (CPA/FCS-1993-Professores: Angela de F. Vieira (coord.), Luiz Fernando Pereira Santos (diretor/Dep. Teoria Comunicação); Manoel Marcondes Machado Neto (vice-diretor/Dep. Relações Públicas); Sônia Virgínia Moreira (chefe do Depto. Jornalismo); alunos: Charbelly Estrela (DTC), Ricardo Valverde (DJR) e Alexandre Archanjo (DRP).*

#### Referências Bibliográficas

1. CAPALBO, C. (1978) p.40
2. AZEVEDO, F. (19971) p. 524
3. CAPALBO, C. (1978) p. 43
4. \_\_\_\_\_ p. 45-46
5. FERRAZ, E. In CAPALBO, C. (1978) p. 81

#### Bibliografia

1. AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. RJ, Convívio, 1971.
2. CAPALBO, Creusa. *Metodologias das Ciências Humanas*. RJ, Convívio, 1978.
3. CRIPPA, Adolpho (coord.). *As Idéias Filosóficas no Brasil*. SP, Convívio, 1978.